

PORQUE É IMPORTANTE UMA PERSPETIVA REGIONAL QUANDO ANALISAMOS CONFLITOS CIVIS NO MÉDIO ORIENTE E NO NORTE DE ÁFRICA?

Samer Hamati

Samer_hamati@yahoo.com

Doutorado em Economia, Faculdade de Economia e Gestão, Universidade do Minho (Portugal). Foi Investigador Visitante no Departamento de Estudos Políticos e Económicos da Universidade de Helsínquia. É especialista em reconstrução de capital social na Síria, *Training and Research Institute da Roménia*. Investigador Sénior de Pobreza e Desigualdade num projeto do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas de Estabelecimento do Fundo Nacional de Assistência Social na Síria, Projetos do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, Damasco, Síria. Consultor externo da definição da Estratégia de Segurança Alimentar da Síria, National Agricultural Policy Center, Síria. Recebeu os parabéns aprovados por unanimidade do Parlamento Português por ser o primeiro aluno sírio a obter o doutoramento em Portugal. Tem experiência de trabalho voluntário

Resumo

Investigar as diferentes variáveis políticas e sociais no Médio Oriente e Norte da África (MENA) está a ser alvo de mais atenção por parte dos cientistas sociais, particularmente nos institutos de paz e conflito. Isto deve-se à singularidade da região e aos violentos conflitos que testemunhou nas últimas décadas. Esses conflitos tornam-se interestatais, mas transitórios, daí a sua transferência para conflitos civis internacionais com grandes externalidades que extravasam as fronteiras da região. Esses conflitos mostram a elevada ligação entre os países MENA e, recentemente, a Primavera Árabe demonstrou o 'efeito contágio' das revoltas na região. Seguindo uma abordagem multidisciplinar, esta nota de investigação é uma tentativa de explicar a importância do estudo dos conflitos MENA a partir de uma perspetiva regional e apresentar os fatores que comprovam os efeitos do contágio. Esperamos que, ao ler esta nota, o leitor entenda suficientemente os aspetos regionais dos conflitos MENA.

Palavras-chave

MENA; efeito de contágio; conflitos civis

Como citar este artigo

Hamati, Samer (2019). "Porque é importante uma perspetiva regional quando analisamos conflitos civis no Médio Oriente e no Norte de África?". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 10, N.º 2, Novembro 2019-Abril 2020. Consultado [online] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.10.2.6>

Artigo recebido em 2 de Junho de 2019 e aceite para publicação em 18 de Setembro de 2019





PORQUE É IMPORTANTE UMA PERSPETIVA REGIONAL QUANDO ANALISAMOS CONFLITOS CIVIS NO MÉDIO ORIENTE E NO NORTE DE ÁFRICA? ¹

Samer Hamati

Introdução

Durante décadas, a região MENA em geral experienciou violência e conflitos civis, o que conduziu a um ambiente de permanente instabilidade. Essa violência tornou-se uma forma normal de governar e de transferência de poder desde a fundação política moderna do MENA até ao final da Primeira Guerra Mundial. Analisando a história moderna do MENA, notamos facilmente as características históricas partilhadas, nas quais as trajetórias de conflito foram semelhantes nos vários países. Estas características partilhadas estendem-se à vida política, social e económica, estabelecendo regimes autoritários e paternalistas na região e colocando desafios particulares às transições e ao processo de desenvolvimento. Acima de tudo, essas características fortalecem os vínculos nessa região e conduzem a grandes intervenções entre os estados recém-estabelecidos. A compreensão dessas intervenções é essencial no estudo da paz e dos conflitos na região MENA.

Semelhante às tendências globais, o número de conflitos no MENA diminuiu significativamente no início dos anos 90 e a região ficou estável após o Processo de Libertação do Kuwait em 1991, como se constata ao analisar o Banco de Dados de Conflitos Armados da UCDP/PRIO (Universidade de Uppsala, 2015). No entanto, o número de conflitos aumentou no novo milénio, principalmente devido à ocorrência de conflitos civis. Mais especificamente, os conflitos anticoloniais e interestatais quase desapareceram e quase todas as guerras de hoje são interestatais mas com grandes intervenções internacionais, tornando-as 'guerras civis internacionalizadas'. Além disso, esses conflitos têm sido guerras por procuração (Marshall, 2016). Os conflitos anteriores a 1990 faziam parte da Guerra Fria, em que as fações recebiam apoio dos seus aliados em Moscovo ou Washington. A partir do final dos anos 90, os concorrentes tornaram-se regionais e surgiu um ciclo de guerra por procuração regional, especialmente entre a Arábia Saudita e o Irão, (Nerguizian e Kasting, 2013). Os conflitos na Síria, Iraque, Iémen, Bahrein e Líbano são exemplos claros desse fenómeno.

¹ A tradução deste artigo foi financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto do OBSERVARE com a referência UID/CPO/04155/2019, e tem como objetivo a publicação no JANUS.NET. Texto traduzido por Carolina Peralta.



As novas ondas de violência pós-primavera árabe aumentam a conscientização sobre os conflitos civis que explodem na região MENA. Torna-se claro que esses conflitos não são puramente "civis". Além disso, as suas consequências extravasam as fronteiras do MENA. Ross et al. (2011) argumentam que a Primavera Árabe atesta o 'efeito de contágio' das revoltas na região. Com base na revisão da literatura, a presente nota examina os fatores que comprovam esse contágio e enfatiza a perspectiva regional na investigação dos conflitos civis no MENA. Primeiro discutimos brevemente o termo MENA, e depois explicamos algumas características dos conflitos civis do MENA que tornam o seu estudo essencial para apoiar a paz e a prosperidade globais. Posteriormente, esclarecemos por que é melhor analisar esses conflitos a partir de uma janela regional. Para o efeito, adotamos uma abordagem multidisciplinar de análise usando breves evidências sociais, económicas, culturais, familiares e históricas. A nota termina com dois avisos importantes.

O que queremos dizer com MENA?

O termo Médio Oriente surgiu séculos depois do aumento da preocupação ocidental com essa região. Desde as Cruzadas, o *Oriente* foi identificado com o Islão e o *Ocidente* tornou-se idêntico ao Cristianismo. As regiões foram assim divididas simbolicamente de acordo com dois sistemas de crenças. Mais tarde, no último quartel do século XVIII, os europeus começaram a referir-se aos territórios controlados pelo Império Otomano Islâmico como o *Próximo Oriente*, enquanto Mahan e Chirol usaram o termo *Médio Oriente* para apelidar o Golfo de Áden e a Índia em artigos separados publicados em 1902 (Davison, 1960). Devido às mudanças políticas após a Primeira Guerra Mundial, surgiu a necessidade de alterar a definição da área geográfica conhecida como Médio Oriente e, em março de 1921, Winston Churchill, com a ajuda da *Royal Geographic Society*, remapeou o Médio Oriente do Bósforo às fronteiras ocidentais da Índia (Özalp, 2011). Mais tarde, esse termo começou a aparecer com frequência na literatura internacional.

No entanto, apesar da adoção do termo Médio Oriente na literatura internacional, não há acordo sobre a extensão das áreas geográficas e dos países do Médio Oriente (Johannsen, 2009). Os estudiosos incluíram países diferentes, embora sobrepostos, ao usarem esta frase. Muitos consideram que são os países antes ocupados pelo Império Otomano (Tunçdilek, 1971; Brown, 1984; Tibi, 1989), outros referem-se-lhe como países islâmicos (Steinbach, 1979), alguns consideram-no limitado aos países árabes (Hudson, 1976), e outros incluíram países africanos, como a Etiópia (Davison, 1960). A maior parte da literatura recente define a região MENA como sendo composta pelos países árabes, ou seja, os vinte e dois países membros da Liga Árabe, além de três países não árabes cujas ações contribuem para as situações políticas e de segurança na região MENA: Turquia, Irão e Israel, embora esses estados tenham seguido uma trajetória histórica um pouco diferente da dos estados árabes e possuam estruturas económicas diferentes das dos países árabes (Owen, 2013).



O que torna os conflitos civis no MENA globalmente importantes?

Não é apenas um fator que cria conflitos civis no MENA e que atrai atenção global. Os conflitos na região são duradouros e as suas consequências são grandes e trágicas. No entanto, a posição do MENA é a principal razão para essa atenção global. Devido à sua posição geográfica estratégica, a região assistiu a muitos eventos cujas causas e consequências ultrapassaram as suas fronteiras. Barakat (1993: 31) afirmou que "a centralidade do mundo árabe nos tempos antigos e modernos qualificou-o para servir como um importante ponto nodal na história da humanidade. Atuou como uma passagem que liga a Ásia, África e a Europa. Produziu algumas das mais importantes contribuições intelectuais, culturais e religiosas da história. É essa posição na encruzilhada humana e geográfica, e não apenas o petróleo e outros recursos, que tornam o mundo árabe tão estrategicamente significativo". Como consequência dessa posição geográfica central, os conflitos têm sido frequentes e caracterizados por atributos que os diferenciam dos que ocorrem noutras regiões: sustentabilidade, derrame de sangue, consequências trágicas e externalidades.

Os conflitos civis são sustentáveis na região MENA. Paralelamente à ocorrência de conflitos internos, um fenómeno chamado "armadilha de conflitos" tornou-se mais dominante. Essa armadilha refere-se a uma situação em que um país pós-conflito civil cai novamente noutra guerra civil. Walter (2015) encontra fortes evidências de 'armadilha de conflito'; 57% de todos os países que sofreram uma guerra civil durante o período de 1945-2009 sofreram pelo menos um conflito depois disso. Além disso, ela ressalta que, na década de 2000, 90% de todas as guerras civis foram repetidas. Collier (2007) mostra que o risco de novos conflitos nos países emergentes da guerra civil é quase duas vezes maior do que na véspera desse conflito. Cevik e Rahmati (2015) afirmam que essa armadilha é mais apertada na região MENA, pois os países do Médio Oriente parecem sofrer um risco elevado de recorrência de conflitos sem grande declínio nos anos subsequentes, o que conduz a um sentimento sustentável de violência e insegurança. Já. Esta sustentabilidade é uma das razões que faz aumentar os custos dos conflitos MENA.

Os conflitos civis no MENA são caros tanto em termos de sangue como de dinheiro. A crise síria, considerada o "piores desastre causado pelo homem que o mundo já viu desde a Segunda Guerra Mundial", de acordo com um funcionário da ONU (Al-Husseini, 2017), é a principal evidência recente desses custos; cerca de 11,5% da população foi morta ou ferida em menos de cinco anos de conflito (SCPR, 2016). Além disso, a região representa 40% do total global estimado de mortes em batalhas desde 1946, de acordo com o Programa de Dados de Conflitos de Uppsala. Em relação aos altos custos económicos, Rother et al. (2016) argumentam que três anos de conflitos após a Primavera Árabe traduziram-se em perdas de 6 a 15 pontos percentuais do PIB nos países MENA em conflito, em comparação com 4 a 9 pontos percentuais no mundo.

Além disso, esses custos não se limitam à região, e existem outros custos internacionais. De fato, os conflitos MENA geram grandes externalidades representadas por saídas de refugiados e flutuações no preço da energia. Cerca de dois terços dos atuais refugiados em todo o mundo vêm do MENA². Os refugiados não são simplesmente os subprodutos infelizes da guerra, mas podem causar conflitos interestatais (Posen, 1996). Salehyan

² UNHCR. (25 de maio de 2018). *Figures at a Glance*. Disponível em <http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>



(2008) afirma que os fluxos de refugiados entre estados aumentam a probabilidade de disputas interestatais militarizadas (MIDs) através de dois canais: os estados recetores de refugiados têm mais probabilidade de iniciar MIDs quando intervêm para impedir outras externalidades, e estados emissores de refugiados iniciam MIDs ao violarem fronteiras em busca de dissidentes.

Acima de tudo, as instabilidades no preço da energia ainda são a externalidade mais clara causada pelos conflitos que ocorrem no MENA. Essa região possui 55% das reservas globais de petróleo (Guidolin e La Ferrara, 2010), portanto, qualquer tipo de tensão afeta os preços, produtos, emprego e crescimento económico em todo o mundo. Há dois choques anormais nos gráficos económicos globais que são fortemente distintos: um apareceu em 1973-1974 e o outro em 1979-1980. Esses choques surgiram na sequência de dois eventos que ocorreram na região MENA: a Guerra de Outubro (*Yom Kippur*) de 1973 e a *Revolução Iraniana* de 1979. Guidolin e La Ferrara (2010), usando a metodologia de estudo de eventos para analisar o impacto do conflito num mercado de ativos selecionado, afirmam que o Médio Oriente é muito importante para os índices de *commodities*, incluindo os preços do petróleo, pois 73% dos conflitos que ocorrem nessa região têm impacto nos futuros de petróleo, e esse impacto é distinguível do zero.

Por que é importante estudar conflitos civis através do contexto regional?

Os países MENA estão conectados geograficamente, economicamente e culturalmente, mostrando uma forte tendência para conexão e contágio. As palavras de Elias Hrawi, ex-presidente do Líbano, ao descrever os conflitos civis no seu país são famosas: "não era o nosso conflito, mas o dos outros na nossa terra", e atestam isso mesmo (Atallah, 2008: 217). Portanto, não se pode investigar nenhum conflito civil isoladamente do contexto regional. Essa interferência política e de segurança não se deve apenas às fronteiras comuns, mas também às fortes ligações entre os seus povos, onde a maioria mantém crenças, cultura e religião semelhantes e partilha a mesma história.

As raízes históricas e culturais desta conexão são muito profundas e longas. Durante os treze séculos anteriores à Primeira Guerra Mundial, a maioria dos territórios da região foi controlada por diferentes poderes que governavam mediante uma ideologia, o Islão. O Império Otomano foi o último grande estado que controlou a região. A sua queda terminou com o *Califado* e abriu caminho para a construção de países artificiais modernos que acolhem pessoas que partilham uma história, cultura, alfabeto, sentimentos e ligações demográficas comuns, incluindo relações tribais. Heydemann, conforme citado em Yousef (2004: 95), destaca que "a excecionalidade da região é um fenómeno recente e não cultural derivado de crenças, valores e normas intrínsecas nas sociedades árabe-muçulmanas". Estes valores e sentidos partilhados impedem a criação de identidades diferentes nas sociedades recém-criadas, e, portanto, validam a teoria de Anderson de 'comunidades imaginadas' (Anderson, 2006). As comunidades no Médio Oriente são produzidas de maneira semelhante e projetam hierarquias de poder semelhantes entre elas, levando a uma forte imaginação coletiva.

O estabelecimento dos estados modernos MENA no final da Primeira Guerra Mundial explica a parte principal dessa conexão. Os Aliados, que venceram a Primeira Guerra Mundial, incluindo a Grã-Bretanha e a França, dividiram os territórios árabes



anteriormente ocupados pelo Império Otomano. Mais tarde, esses poderes coloniais criariam as principais estruturas e a administração pública dos novos estados. Owen (2013: 9) examina esse desenvolvimento:

"No que diz respeito ao Médio Oriente, geralmente era o poder colonial dominante que primeiro criou as características essenciais de um estado moderno, dando-lhe uma administração centralizada, um sistema legal, uma bandeira e fronteiras internacionalmente reconhecidas. Em alguns casos, isso foi feito com base em alguma entidade administrativa preexistente, como na Argélia; noutros, envolvia desanexar uma parte de uma antiga província otomana (por exemplo, Transjordânia) ou, mais frequentemente, juntar várias províncias (por exemplo, Síria e Iraque). Isso deu a muitos dos novos estados uma aparência um tanto artificial, com os seus novos nomes, novas capitais, a sua falta de homogeneidade étnica e as suas fronteiras totalmente retas que eram tão obviamente obra de um oficial colonial britânico ou francês a usar uma régua."

Esses novos estados, com uma natureza mal definida (Milton-Edwards e Hinchcliffe, 2007), acolhem pessoas que pertencem a diferentes grupos étnicos, linguísticos e religiosos. Barakat disse que "certas comunidades foram impostas a outras pessoas dentro do mesmo país" (1993: 6). Um ano após o início do conflito civil no Líbano, Anne Sinai e Chaim Waxman escreveram na introdução da Middle East Review (1976: 5):

"[A] atual guerra civil no Líbano é apenas a mais recente e mais divulgada numa ampla gama de eventos e situações que desmentem a afirmação de que o Médio Oriente é um mundo unitário de árabes com origem, cultura, idioma e identidade comuns. O Médio Oriente na verdade consiste num intrincado mosaico de diferentes povos... Existem xiitas, alauítas, drusos, yazidis, ismaelianos e seguidores de várias outras denominações muçulmanas, que se apegam com determinação ao seu próprio estilo de fé e ao seu conjunto próprio de crenças. Eles nem são necessariamente etnicamente 'árabes', sendo descendentes de muitos povos diferentes conquistados e convertidos pelos exércitos islâmicos... A primeira das três grandes religiões monoteístas, o judaísmo e as pessoas com quem se identifica, fizeram parte do mosaico do Médio Oriente desde o início.... Existem, além disso... outros pequenos grupos religiosos, cada um agarrado à sua própria identidade distinta. Nenhum estado árabe pode, portanto, reivindicar homogeneidade social e todos são grupos religiosos, linguísticos e étnicos maiores ou menores."



Esta heterogeneidade criou entidades social e culturalmente incompletas, onde os grupos étnicos e religiosos, assim como tribos e famílias, foram divididos entre países adjacentes. A heterogeneidade religiosa domina os outros tipos de heterogeneidade na região. Essa heterogeneidade foi associada a procedimentos discriminatórios em relação às minorias. Fox (2013) considera que quase todas as minorias religiosas em 17 estados majoritariamente muçulmanos do Médio Oriente sofrem discriminação religiosa. A literatura mostra que essa discriminação, assim como outros tipos de perseguições, pode provocar países vizinhos a intervir noutros países para proteger os seus parentes étnicos (Saideman, 2001; Trumbore, 2003; Woodwell, 2004). Svensson (2013) identifica uma grande mudança de conflito não religioso para religioso na região MENA, tornando-a a região mundial onde o conflito armado religioso é mais proeminente.

Além disso, os vínculos económicos atuais, especialmente o emprego, apoiam as raízes sociais e culturais e tornam as pessoas de diferentes países MENA mais conectadas. Milhões da força de trabalho migrante da região MENA trabalham nos países ricos do Golfo e as suas remessas apoiam as suas famílias e governos nos seus países. Essas remessas não são apenas financeiras, mas também sociais, o que significa que os migrantes transferem novas ideias, valores e comportamentos para os seus países de origem (Levitt, 1998), influenciando as atitudes e o comportamento político das famílias que residem na terra natal. Ao investigar a difusão do salafismo político entre egípcios que trabalham na Arábia Saudita, Karakoç et al. (2017) descobriu que o apoio mais forte ao partido salafista Nour veio de indivíduos cujos membros da família haviam imigrado para a Arábia Saudita.³

Os fluxos intra-comerciais e de investimento são outros laços económicos que sustentam a conexão árabe. Segundo relatos publicados pelo Fundo Monetário Árabe (2017), muitos países árabes dependem fortemente do comércio com outros países árabes. A Somália, Djibuti, Jordânia, Líbano, Síria, Egito e Sudão exportam 91%, 85%, 50%, 45%, 40%, 32% e 30% de suas exportações totais, respetivamente, para outros países árabes, enquanto os investimentos intra-árabes subiram de 3% para 15% do PIB árabe total entre 2000 e 2008, devido à subida dos preços do petróleo.

A evidências histórica confirma que os vínculos entre os países MENA, em particular o Levante, são muito fortes. Exemplos dessas fortes conexões são os dois assassinatos ocorridos no verão de 1951. Em 17 de julho, Riad Al-Solh, o primeiro primeiro ministro do Líbano após a independência, foi assassinado em Amã, capital da Jordânia, por Micheal El-Deek, um sírio. Três dias depois, o rei Abdullah I, o primeiro rei da Jordânia, foi assassinado em Jerusalém por um alfaiate palestino. O rei Abdullah poderia não ter sido morto se se tivesse tornado rei do Iraque, como era suposto. Este ponto leva-nos a outro exemplo importante que confirma os fortes vínculos regionais no MENA, que são as linhagens entre as famílias de elite.

A genealogia é importante entre as tribos árabes. Assim, é fundamental entender o parentesco entre as famílias reais da região. Hussein bin Ali, Xerife de Meca e líder dos haxemitas, aliou-se aos britânicos e rebelou-se contra os otomanos. Dois dos seus filhos tornaram-se reis: Faisal, da Síria, e posteriormente do Iraque, e Abdullah, da Jordânia.

³ O partido salafista Nour, que significa Partido da Luz, é um dos partidos políticos criados no Egito após a Revolta Egípcia de 2011. Possui uma ideologia islâmica ultraconservadora, que acredita na implementação da rigorosa lei da Sharia.



Outro filho, Ali, foi o último rei de Hejaz antes de ser derrotado por Ibn Saud, o fundador do Reino da Arábia Saudita.

Encontramos um parentesco semelhante, mas entre partidos políticos árabes. Os partidos do nacionalismo pan-árabe surgiram durante o século passado, e muitos deles acreditam na unidade dos países árabes. Tomemos, por exemplo, o Partido Ba'ath na Síria e no Iraque; a União Socialista Árabe no Egito; o Partido Popular da Conferência na Líbia; e o Partido Socialista no Iémen do Sul. Todos esses partidos estiveram no poder nos seus países durante anos. Alguns tinham uma relação amigável com os outros e outros eram inimigos. O Ba'ath era o partido no poder na Síria e no Iraque, mas as duas facções estavam em forte conflito há décadas.

Combinadas com restrições orçamentárias leves nos países exportadores de petróleo, essas fortes interconexões facilitam as intervenções entre países. Acima de tudo, o regime militar, comum na maioria dos países MENA, intensifica essa tendência. O domínio militar sobre o sistema político nacional na região pode ser comprovado pelo grande número de golpes e revoluções militares. Milton-Edwards e Hinchcliffe (2007: 4) notam que essa "natureza militarista do estado na região tem uma relação direta de causa e efeito nos processos políticos dos países", e Picard (1993) argumenta que as preferências estatistas, a política de massas e as lutas anticoloniais que existiam no Médio Oriente pós-otomano, conduziram a um forte envolvimento dos militares na política. Esses governos militares parecem operar de acordo com uma lógica de expansão e, portanto, intervêm na vida política dos estados vizinhos.

Considerações finais

Ao assistir às notícias diárias, o observador ocidental apercebe-se da violência na região MENA. De facto, a declaração de Karl Remarks: "e então Deus criou o Médio Oriente e disse: que haja notícias de última hora e análises", que se tornou o título do seu recente livro publicado em 2018, atesta isso. No entanto, o observador ocidental pode ser confundido com o alto grau de conectividade entre esses eventos violentos. A presente nota tenta expor as razões desta ligação, recorrendo a uma abordagem multidisciplinar para explicar por que o efeito dominó apareceu na região e por que deveríamos considerar os conflitos que lá se travam, incluindo guerras civis, sob uma perspectiva regional.

É importante, antes de terminar, mencionar dois pontos importantes. Primeiro, embora seja única, a região MENA faz parte do Terceiro Mundo, e, como tal, está sujeita ao mesmo processo universal de subdesenvolvimento dos restantes países do Terceiro Mundo, e esse aspeto deve ser considerado na investigação de conflitos nesse local. No prefácio do seu livro, Owen adverte os investigadores a não explicarem tudo o que acontece no MENA "pelo facto de a maioria do seu povo ser árabe ou muçulmano que, até ficar rico por causa do petróleo, viveu em tribos nos desertos" (2013: xii). Observando com atenção outros conflitos noutras regiões do mundo, como, por exemplo, na África Subsaariana, Sul da Ásia, Balcãs e América Latina, encontramos muitas semelhanças nas razões e consequências dos conflitos civis.

Em segundo lugar, os estudiosos não devem ignorar as características específicas de cada país MENA. Esses países são heterogéneos em termos de desenvolvimento



económico e institucional. Pode-se notar isso facilmente vendo os números económicos e, mais importante, o índice de desenvolvimento humano (PNUD, 2018). Embora todos os países do CCG sejam classificados como altamente desenvolvidos, a Síria, Sudão, Iémen, Djibuti, Somália e Mauritânia têm a classificação mais baixa.

Referências bibliográficas

- Al-Hussein, Z., R. (2017). *A statement by the UN High Commissioner for Human Rights, Zeid Ra'ad Al Hussein*, March 14, Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2017/03/553252-syria-worst-man-made-disaster-world-war-ii-un-rights-chief>
- Anderson, B. (2006). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. Verso Books.
- Arab Monetary Fund. (2017). *Statistics of inter and intra Arab trade competitiveness*. Abu Dhabi. Disponível em: <http://www.amf.org.ae/en/page/statistics-inter-and-intra-arab-trade-competitiveness>
- Atallah, S. (2008). *Makal Al-Arbe'a: Mokhtarat etebaran men al-am alfeen* [Wednesday Article: Selecções desde 2000]. Dar Al-Saki, Beirut. ISBAN: 1855169789.
- Barakat, H. (1993). *The Arab world: Society, culture, and state*. University of California Press.
- Brown, L. C. (1984). *International politics and the Middle East: Old rules, dangerous game*. IB Tauris.
- Cevik, S., and Rahmati, M. (2015). Breaking the curse of Sisyphus: an empirical analysis of post-conflict economic transitions. *Comparative Economic Studies*, 57 (4), 569-597.
- Collier, P. (2007). *The Bottom Billion: Why the poorest countries are failing and what can be done about it*: Oxford University Press.
- Davison, R. H. (1960). Where is the Middle East? *Foreign Affairs*, 38(4), 665-675.
- Fox, J. (2013). Religious discrimination against religious minorities in Middle Eastern Muslim states. *Civil Wars*, 15(4), 454-470.
- Guidolin, M., e La Ferrara, E. (2010). "The economic effects of violent conflict: Evidence from asset market reactions". In *Journal of Peace Research*, 47(6), 671-684.
- Hudson, M. (1976). "The Middle East". In J. Rosenau (Ed.), *World Politics* (pp. 476-500). Nova Iorque: Free Press.
- Johannsen, M. (2009). *Der Nahost-Konflikt* [The Middle East Conflict]. VS Verlag für Sozialwissenschaften.
- Karakoç, E., Köse, T., e Özcan, M. (2017). "Emigration and the diffusion of political Salafism: Religious remittances and support for Salafi parties in Egypt during the Arab Spring". In *Party Politics*, 23(6), 731-745.
- Levitt, P. (1998). "Social remittances: Migration driven local-level forms of cultural diffusion". In *International Migration Review*, 32 (4), 926-948.



- Marshall, A. (2016). "From civil war to proxy war: past history and current dilemmas". In *Small Wars & Insurgencies*, 27 (2), 183-195.
- Milton-Edwards, B., e Hinchcliffe, P. (2007). *Conflicts in the Middle East since 1945*. Routledge.
- Nerguizian, A., e Kasting, N. (2013). *US-Iranian Competition in the Levant—II*. Washington DC: Center for Strategic and International Studies.
- Owen, R. (2013). *State, power and politics in the making of the modern Middle East*. Routledge.
- Özalp, O. N. (2011). "Where is the Middle East? The Definition and Classification Problem of the Middle East as a Regional Subsystem in International Relations". In *Turkish Journal of Politics*, 2 (2), 5-21.
- Picard, E. (1993). *La nouvelle dynamique au Moyen-Orient: les relations entre l'Orient arabe et la Turquie* [The new dynamic in the Middle East: relations between the Arab East and Turkey]. Editions L'Harmattan.
- Posen, B. R. (1996). "Military responses to refugee disasters". In *International Security*, 21 (1), 72-111.
- Ross, M., Kaiser, K., e Mazaheri, N. (2011). *The resource curse in MENA? political transitions, resource wealth, economic shocks, and conflict risk*. The World Bank.
- Rother, M. B., Pierre, M. G., Lombardo, D., Herrala, R., Toffano, M. P., Roos, M. E., e Manasseh, M. K. (2016). *The Economic Impact of Conflicts and the Refugee Crisis in the Middle East and North Africa*. IMF Staff Discussion Note No. 16/08. The International Monetary Fund.
- Saideman, S. M. (2001). *The ties that divide: Ethnic politics, foreign policy, and international conflict*. Columbia University Press.
- Salehyan, Idean. (2008). "The externalities of civil strife: Refugees as a source of international conflict". In *American Journal of Political Science*, 52 (4), 787-801.
- SCPR. (2016). *Confronting Fragmentation*. Syrian Center for Policy Research, Beirut. Disponível em: <http://scpr-syria.org/publications/confronting-fragmentation/>
- Sinai, A., and Waxman, C. (1976). *Middle East Review*, 9 (1), 5.
- Steinbach, U. (1979). *Politisches Lexikon Nahost* [Political lexicon Middle East]. München: Beck.
- Svensson, I. (2013). "One God, many wars: Religious dimensions of armed conflict in the Middle East and North Africa". In *Civil Wars*, 15 (4), 411-430.
- Tibi, B. (1989). *Konfliktregion Naher Osten. Regionale Eigendynamik und Großmachtinteressen* [Conflict region Middle East. Regional momentum and major interests]. München: Beck.
- Trumbore, P. F. (2003). "Victims or Aggressors? Ethno-Political Rebellion and Use of Force in Militarized Interstate Disputes". In *International Studies Quarterly*, 47 (2), 183-201.
- Tunçdilek, N. (1971). *Güneybatı Asya*. [Southwest Asia]. İstanbul: İstanbul University. Yay.



UNDP. (2014). *Human development report 2016: Human Development for Everyone*. United Nations Development Programme.

UNHCR. (2018). *Figures at a Glance*. May 25. Disponível em: <http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>

Uppsala University. (2015). *UCDP/PRIO Armed Conflict Database Version 4, 2015 - UCDP*. Upsala, Suécia: Department of Peace and Conflict Research.

Walter, B. F. (2015). "Why bad governance leads to repeat civil war". In *Journal of Conflict Resolution*, 59 (7), 1242-1272.

Woodwell, D. (2004). "Unwelcome neighbors: shared ethnicity and international conflict during the Cold War". In *International Studies Quarterly*, 48 (1), 197-223.

Yousef, T. M. (2004). "Development, growth and policy reform in the Middle East and North Africa since 1950". In *The Journal of Economic Perspectives*, 18 (3), 91-115.